

Boletim
Estudos
Clássicos



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

‘CIDADÃOS DO MUNDO’. A *PATRIA* A CAMINHO DO UNIVERSAL. COMENTÁRIO DE ALGUNS PASSOS DE CÍCERO

É inquestionável o valor fundamental da *patria* no pensamento romano. A terra dos seus antepassados e a terra onde cada homem nasce constitui desde cedo na Literatura Latina uma referência fundamental de identificação individual e colectiva. À medida que emerge e se afirma uma consciência de cidadania, o termo *patria* ultrapassa a sua conotação sanguínea e biológica que designa a origem familiar e local do homem, para adquirir uma conotação profundamente social. Digamos que ultrapassa, sem anular, a ordem do meramente ‘natural’, para adquirir um importantíssimo significado na ordem ‘social’. Assim, a *patria*, para além de ser a terra *patrum* geradora de vida, onde se nasceu, é também a pátria que se recebe por cidadania e que liga o homem, mais do que à terra, a uma sociedade que se identifica com uma série de bens e valores comuns. É esta noção de *patria* que reconhecemos, em parte, em Cícero. Veja-se este passo do *De Legibus*, em que Cícero revela uma dupla dimensão da ideia de pátria.

“Ego mehercule et illi et omnibus municipibus duas esse censeo patrias, una naturae, alteram ciuitatis, ut ille Cato, cum esset Tusculi natus, in populi Romani ciuitatem susceptus est; ita, cum ortu Tusculanus esset, ciuitate Romanus, habuit alteram loci patriam, alteram iuris [...] sic nos et eam patriam ducimus, ubi nati, et illam, a qua excepti sumus. Sed necesse est caritate eam praestare, qua rei publicae nomen uniuersae ciuitatis; pro qua mori et cui nos totos dedere et in qua nostra omnia ponere et quasi consecrare debemus. Dulcis autem non multo secus est ea, quae genuit, quam illa, quae exceptit. Itaque ego hanc meam esse patriam prorsus numquam negabo, dum illa sit maior, haec in ea contineatur”.¹ *De Legibus*, II, 5.

¹ “Por Hércules! Eu, por mim, entendo que tanto ele como todos os que são dos municípios têm duas pátrias, uma por natureza, outra por cidadania: tal como o célebre Catão, que, tendo nascido em Túsculo, foi admitido na cidade do povo romano, e assim, sendo tuscetano de origem, e romano por cidadania, tinha uma pátria geográfica e outra por direito; [...] também nós chamamos pátria àquela em que nascemos e àquela que nos recebeu. Mas é necessário que esteja em primeiro lugar no nosso afecto aquela de onde vem que o nome de República seja propriedade de toda a

Esta dupla dimensão implica simultaneamente um duplo apelo afectivo. O apelo de Arpino, que não é menos doce (*Dulcis non multo est*) que o de Roma, a quem Cícero considera que deve dedicar o seu afecto (*necesse est caritate eam praestare*) e como que consagrar todos os bens (*in qua nostra omnia ponere et quasi consecrare debemus*), ou por quem deve mesmo morrer (*pro qua mori*). Embora pudesse parecê-lo, os dois apelos não se excluem nem contradizem, porque ambos advêm da origem e da pertença do homem, na sua dimensão natural e individual e na sua dimensão social.

Esta dimensão social far-se-á significar através da ideia de Roma, que é muito mais que a cidade, até mesmo mais que os cidadãos. Como observa a Prof. M. H. Rocha Pereira, a ideia de Roma é um ‘centro fulcral do todo’ e venceu no tempo sobre algumas tentativas de associar a ideia de pátria à Itália.² Embora avançasse no caminho da abstracção, como vemos, a noção social de pátria não consentiu que ela se desligasse de uma cidade concreta, e essa cidade é Roma.

Na hierarquia dos valores desenhada por Cícero esta segunda pátria está acima de todos os interesses individuais, acima de todos os bens e o seu peso real e simbólico é de tal ordem que, sobretudo nas *Catilinárias*, Cícero a toma, não como uma ideia abstracta, mas como uma figura com identidade própria, que como que encarna todos os cidadãos no seu conjunto sem limite (incluindo os antepassados e os vindouros) e nenhum em particular.

Todo o ónus do crime de Catilina reside na traição da pátria, por isso a sua figuração assume um papel retórico de relevo, com que o orador apela ao afecto dos seus ouvintes de modo a que aquele que fere a pátria de dentro para dentro, só possa ser considerado fora da pátria, seu inimigo a expulsar. Assim, na imaginação do orador, a *patria* tem sentimentos, odeia e teme Catilina:

cidade, pela qual devemos morrer e dar-nos a ela por inteiro, em quem devemos colocar e, por assim dizer, a ela consagrar todos os nossos bens”. Na tradução de M. H. Rocha Pereira. Cf. *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II, p. 173. Completamos a tradução do passo que citamos: “Porém, não é menos doce a que nos gerou do que a que nos recebeu. Por isso, jamais negarei que esta é a minha pátria, embora a outra seja maior e esta nela esteja contida.”

² M. H. Rocha Pereira, op. cit., p. 173.

“Nunc te patria, quae communis est parens omnium nostrum, odit ac metuit, et iamdiu nihil te iudicat nisi de parricidio suo cogitare”³ In *Catlinam* I, 17.

Esta *patria* é, também ela, geradora de vida, Cícero chama-lhe ‘mãe’, ou ‘pai’ de todos nós (*communis parens omnium nostrum*); por isso, atentar contra ela é cometer parricídio. Levado pela intensificação afectiva, Cícero cria uma prosopopeia em que dá voz à Pátria que se dirige, ela própria, a Catilina:

“*Quae tecum, Catilina, sic agit, et quodam modo tacita loquitur.*” Embora silenciosa (*tacita*), a *patria* como que fala a Catilina para enumerar as ofensas que lhe perpetrou e para lhe pedir que se afaste dela. A ilusão literária da personificação da pátria, porém, não chega a completar-se, pois Cícero termina a prosopopeia desfazendo essa ilusão: *Haec si tecum, ut dixi, patria loquatur (...)*.⁴

Já na quarta *Catilinária*, Cícero, fazendo valer de novo toda a carga afectiva da *patria*, personifica-a como figura suplicante diante dos senadores:

“(…) obessa facibus et telis impiae coniurationis, uobis supplex manus tendit patria communis; uobis se, uobis uitam omnium ciuium, uobis arcem et Capitolium, uobis aras Penatium, uobis illum ignem Vestae sempiternum, uobis omnium deorum templa atque delubra, uobis muros atque urbis tecta commendat.”⁵ In *Catilinam* IV, 18.

A pátria unificadora, porque comum a todos (*patria communis*), significa a herança da cidade, não só os muros e as casas, mas a vida de todos os cidadãos e o próprio cuidado dos deuses, abrangendo, assim, também o património espiritual e religioso de Roma.

³ “Pois agora é a pátria, mãe comum de todos nós, que te odeia e teme, e sabe que desde há muito não pensas noutra coisa que não seja o seu parricídio.” Tradução de S. T. Pinho, *As Catilinárias*, Edições 70, Lisboa, 2006. Cf. p. 41

⁴ “Se tais palavras, como disse, a Pátria te pudesse dirigir...” Vide S. T. Pinho, op. cit., p. 42.

⁵ “Ameaçada a ferro e fogo por uma ímpia conjura, para vós estende as suas mãos, suplicante, a nossa Pátria comum; a vós se confia ela própria, a vós confia a vida de todos os cidadãos, a cidadela e o Capitólio, os altares dos Penates, e aquele fogo de Vesta sempre aceso, os templos e os santuários de todos os deuses, as muralhas e as casas da cidade.” Cf. S.T. Pinho, op. cit., p. 95.

A esta ideia de pátria, intimamente associada à origem e a um sentimento de pertença, acrescerá, pela porta do estoicismo, uma noção de pátria muito mais abrangente. Aparentemente, esta parece negar aquela, mas só aparentemente. Sem deixar de ser a terra dos antepassados e a sua herança histórica e espiritual, a pátria pode ser todo o mundo. Não se trata de que o homem deixa de ter pátria, mas de que o mesmo sentimento de pertença que ele nutre pela sua pátria geográfica e cultural, o sentirá por todo o mundo. Trata-se de reconhecer um apelo universal que, no entanto, é particularmente sentido pelo sábio e pelo filósofo.

Com efeito, na obra de Cícero, sob influência do pensamento estóico, a ideia de pátria ganha progressivamente um horizonte cada vez mais universalizante.

Na metafísica estóica, cada ser possui em si mesmo uma centelha do fogo divino que partilha com todos os outros seres, com os próprios deuses, do que decorre um certo sentido do universal. Homens e deuses partilham o mundo que foi feito para ambos:

“Principio ipse mundus deorum hominumque causa factus est, quaeque in eo sunt parata ad fructum hominum et inuenta sunt. **Est enim mundus quasi communis deorum atque hominum domus aut urbs utrorumque;** soli enim ratione utentes iure ac lege uiuunt. [...] sic quaecumque sunt in omni mundo deorum atque hominum putanda sunt.”⁶ *De natura deorum*, II, 154

Este mundo, governado pelos deuses, é como que uma casa, ou uma cidade comum, um universo que cada um integra e do qual faz parte.

“mundum autem censent regi numine deorum, eumque esse **quasi communem urbem et civitatem hominum et deorum, et unumquemque nostrum eius mundi esse partem;** ex quo illud natura consequi, ut communem utilitatem nostrae anteponamus”.⁷ *De Finibus*, 3, 64

⁶ Na nossa tradução: “Primeiramente, o próprio mundo foi feito para os deuses e para os homens e as coisas que nele existem foram preparadas e criadas para proveito dos homens. É que o mundo é como que uma casa comum aos deuses e aos homens, como que a cidade de ambos; apenas eles, fazendo uso da razão, vivem segundo o direito e a lei (...) assim, todas as coisas que existem em todo o mundo, deve pensar-se que dizem respeito aos homens e aos deuses”.

⁷ Na nossa tradução: “Consideram, pois, que o mundo é regido pela vontade divina, que é como que a urbe ou uma cidade comum aos homens e aos deuses, e que

Esta casa comum foi criada para os seres dotados de razão, para que a contemplassem:

“ipse autem homo ortus est ad mundum contemplandum et imitandum...”⁸ *De Natura deorum*, II, 37

E para que a conhecessem:

“et ille (Philus): 'an tu ad domos nostras non censes pertinere scire quid agatur et quid fiat domi? quae non ea est quam parietes nostri cingunt, sed **mundus hic totus, quod domicilium quamque patriam di nobis communem secum dederunt...**”⁹ *De Republica* 1, 19.

Daqui decorre uma noção de *patria* universal, que se desenvolve em Cícero no diálogo com o estoicismo e que faz do paradigma humano do sábio estoico um cidadão do mundo. Este paradigma, evoca-o Cícero nas *Tusculanas*, com a figura de Sócrates:

“Socrates quidem cum rogaretur cuiatem se esse diceret, ‘mundanum’ inquit; totius enim mundi se incolam et ciuem arbitrabatur.”¹⁰ *Tusculanae disputationes* V, 37, 108

O episódio é evocado para argumentar que, ao sábio, nem o desterro o impede de ser feliz se possuir a virtude, pois, sendo o mundo a sua pátria, o exílio não o atinge.

Na mesma linha do pensamento estoico, mais tarde, também Séneca diria nas suas cartas: ***Patria mea totus hic mundus est.*** (*Epistulae Morales* 28.4). ‘A minha pátria é este mundo inteiro’. Este universalismo que aqui vemos projectado no paradigma do sábio, o sentido do mundo como a casa ou a cidade de todos os seres, é uma das principais heranças da matriz greco-

cada um de nós faz parte desse mundo; de onde se segue que, por nossa natureza, antepoñhamos o bem comum ao de cada um.”

⁸ Na nossa tradução: “O próprio homem, porém, nasceu para contemplar e imitar o mundo.”

⁹ “Pois tu não consideras que diz respeito às nossas casas saber o que se passa e acontece em casa, não nesta, que as nossas paredes rodeiam, mas no mundo inteiro, que os deuses nos deram como morada ou pátria a eles comum.”

¹⁰ Na nossa tradução: “Quando certa vez perguntaram a Sócrates qual era a sua pátria, respondeu que era o mundo; com efeito, considerava-se habitante e cidadão do mundo inteiro.”

romana da cultura ocidental. Santo Agostinho, o grande transmissor da cultura clássica à cristandade, é um notável exemplo dessa herança com a célebre *Cidade de Deus*, cujo tema é sugerido por este sentido do universal.

Na cultura ocidental, esta consciência universalizante tem raízes profundas e não implica o sacrifício de um sentido de pertença, fundamental à construção da identidade individual e colectiva. A recepção do estoicismo na obra de Cícero, o grande intérprete do pensamento romano, documenta, como julgamos ver nos passos citados, uma fase da evolução do sentido da *patria* em Roma. Uma Roma que no seu império viria a conceber uma ideia de unidade possível, para além dos limites geográficos e raciais, convivendo com uma tensão saudável entre o apelo telúrico da *terra patrum* e o apelo a uma consciência universal.

Bibliografia

Cícero, *As Catilinárias*, Introdução, tradução do Latim e notas de Sebastião Tavares de Pinho, Edições 70, Lisboa, 2006.

———, *Tusculanae Disputationes*, ed. M. Poblentz, Teubner, 1982.

———, *In Catilinam orationes libri quattuor*, ed. Maurice Levailant, Librairie Hachette, s.d.

———, *De Republica; De Legibus*, com trad. inglesa de Clinton Keyes, Harvard University Press, Loeb Classical Library, 2000.

———, *De Finibus bonorum et malorum*, com trad. inglesa de H. Rackham, Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1999.

Cabañero, José Guillén, *Teología de Cicerón*, Publicaciones Universidad Pontificia, Salamanca, 1999.

Pereira, M.H. Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II: Cultura Romana, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1984.

CARLOTA MIRANDA URBANO